

ENTREVISTA AO PROF. DR. JOSÉ AMARANTE SANTOS SOBRINHO

INTERVIEW TO PROFESSOR PHD. JOSÉ AMARANTE SANTOS SOBRINHO

Vivian Gregores Carneiro-Leão Simões¹
Eliabe dos Santos Procópio²
Luiz Eduardo Rodrigues Amaro³

José Amarante é professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, onde realizou toda sua formação, da graduação ao doutorado. Anteriormente, atuou no ensino básico, como professor e diretor pedagógico. Os temas ‘didática e ensino’ são uma tônica de sua pesquisa e produção bibliográfica, com destaque para a criação do Programa *Latinitas*, nome dado à coleção de livros didáticos para o ensino de latim e ao portal virtual de mesmo nome onde estão disponibilizados os volumes do método, além de diversos materiais didáticos sobre língua latina. Não é ao acaso que suas estrelas no CV Lattes, que indicam os 5 trabalhos mais relevantes de sua produção, sinalizam produções que envolvem o ensino de latim e os mitos de Fulgêncio, seu projeto de pesquisa mais recente. Uma dessas estrelas sinaliza ainda uma obra de poesia (Sim! Ele também é poeta!). Do preeminente currículo do prof. José Amarante destacamos: Prêmio CAPES de Teses 2014 (Letras e Linguística), Prêmio ANPOLL de Teses 2014 (Menção honrosa) e pós-doutorado na Universidade de Siena (Itália).

ENTREVISTADORES - Em entrevista recente publicada no site da Editora da Universidade Federal da Bahia você conta um pouco sobre o início da sua carreira docente, tendo cursado o magistério e o posterior ingresso no Ensino Superior, fortuitamente no Curso de Letras. A vida e o acaso fizeram do Amarante um professor, mas todos os anos de dedicação fizeram que esse professor se destacasse entre seus pares! Gostaríamos, então, que nos contasse um pouco mais sobre sua relação com latim, em que momento ele entrou em sua história? Antes da Universidade você já tinha tido algum contato e/ou interesse por essa língua antiga?

¹ Professora de Latim e Filologia da Universidade Federal de Roraima. E-mail: vivian.simoese@ufr.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0172-760X>.

² Professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Roraima. E-mail: eliabe.procopio@ufr.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9766-1686>.

³ Professor de Latim e Filologia da Universidade Federal de Roraima. E-mail: eduardo.amaro@ufr.br.

ENTREVISTADO - Eu gosto muito das coisas e das situações que nos oportunizam o agradecer. O agradecimento é sempre a nossa forma de restituir ao outro nosso quinhão de compromisso consigo e com as coisas que importam aos polos envolvidos nesse processo dialógico implicado no ato de agradecer. Então, eu gostaria primeiramente de agradecer ao pessoal da área de Latim e Filologia da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e à editoria da **Revista Intertexto**, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), nas pessoas da professora Vivian Carneiro Leão Simões e dos professores Eliabe dos Santos Procópio e Luiz Eduardo Rodrigues Amaro, que me fizeram o convite. E agradeço por esta possibilidade de entrevista, pelas generosas palavras com que me apresentam e pela decisão de publicação de um volume dedicado a "Um panorama do estudo do latim no Brasil", uma iniciativa sempre bem-vinda nesses momentos em que, em nosso país, o estudo do latim respira, com alguma força de retomada, após as perdas que se acentuaram nos dois últimos quartéis do séc. XX. Eu gosto muito de um hemistíquio de verso que se registra duas vezes na **Eneida** de Virgílio: *fata viam invenient* (3.396 e 10.113), uma expressão que pode se traduzir por "o destino encontrará o seu próprio caminho". Quis então o destino que eu vivesse numa pequena cidade do interior da Bahia onde se cantavam ladainhas de Nossa Senhora em latim e em cuja igreja se lia uma inscrição na língua (*monstra te esse matrem*, "mostra que és mãe"). Tudo isso numa época em que não sentíamos influência das línguas hegemônicas modernas nessas pequenas cidades (ao menos às pessoas das classes mais populares, como a minha) e em que as distâncias nos separavam entre os que se referiam ao outro por "tu", como em nossa cidadezinha, ou por "você", de largo uso na capital (utilizar um "você" nos idos dos 70, em minha experiência de infância no interior, era exhibir-se demais adotando formas linguísticas de uma identidade que não era a nossa). Em minha experiência de uma criança de escola pública de interior do Nordeste, às voltas com a pobreza, sem acesso ao estudo de línguas, sem percepção ainda da vastidão da realidade pós-babélica, o latim naquela inscrição e nas melodiosas notas que se ouviam ecoar na majestosa construção católica era – se eu pudesse desconfiar à época – praticamente um registro da língua pura, de que fala Benjamin, misteriosa, a língua da igreja e dos rituais. E intuitivamente o verbo *monstrare* ('mostrar', 'advertir') da inscrição me soava como sendo da natureza do 'estranho'. Se, por um lado, era percebido pela criança de então como algo da esfera do monstruoso, do fantasioso (e eu me perguntava: o que algo dessa natureza estaria fazendo ali numa igreja!?), por outro, prenunciava o contato com o *monstrum*, com a coisa prodigiosa, a revelar a vontade dos deuses. Foi assim, de

algum modo sobrenatural, o meu primeiro contato com o latim. Então, eu agradeço também ao destino pelo caminho que ali me mostrou. Foi somente em meados dos anos 90, ao entrar fortuitamente para o curso de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia, que tive minhas primeiras conexões formais com a disciplina. Tendo contado com a sorte de estar em uma universidade pública brasileira com curso de Letras clássicas, pude estudar a língua um pouco além dos três semestres obrigatórios na época. Em nossa Universidade, já eram sentidos o desânimo e o desencorajamento pelos profissionais de nossa área, talvez algo resultante do cansaço da batalha das décadas anteriores, de forma que o curso de estudos clássicos era praticamente desconhecido na realidade da UFBA, e, para estudar todas as disciplinas de latim que poderiam ser oferecidas – já que disponíveis no plano curricular optativo para um estudante de Vernáculas –, precisei contar com a generosidade de um professor de alemão do Instituto de Letras da UFBA, formado também em História e Letras Clássicas, que se dispôs a oferecer os níveis optativos da disciplina a um jovem interessado por desvendar aquela língua que, de algum modo, se impôs naquele contato misterioso na infância. E como é sempre bom agradecer, registro minha gratidão também ao Professor Mário Augusto, por ter sido esse professor que me guiou nesse caminho inicial.

ENTREVISTADORES - Um dos seus mais recentes projetos de pesquisa, relacionado à sua Tese de doutoramento “Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção – discursos, práticas, representações, proposta metodológica” que recebeu o Prêmio CAPES de Teses 2014 – Letras e Linguística”, é dedicado à busca de fontes para uma história social do latim no Brasil. Esse projeto tem rendido preciosos trabalhos, seus e de seus alunos, para aqueles que se interessam pelo ensino de latim no Brasil. A história dessa disciplina em nosso país está intimamente relacionada à própria História da Cultura Escrita no Brasil. Você poderia comentar brevemente como o latim chegou até aqui, desde as primeiras manifestações dessa língua em solo brasileiro até o estudo formal da língua latina como disciplina do currículo escolar?

ENTREVISTADO - Não podendo ser contada como uma etapa na história do latim no Brasil, dado o caráter episódico, a realização da primeira missa em latim no Brasil, pelo Frei Henrique de Coimbra, em 1500, pode, sim, ser considerada um marco da chegada da língua ao Brasil. Contudo, quando tentamos propor qualquer periodização sobre a língua latina no Brasil, é

preciso que comecemos por 1549, com a chegada dos primeiros jesuítas e com a criação do primeiro estabelecimento de ensino. Em rápidas linhas, poderíamos falar de dois grandes períodos do latim antes do século XX: um primeiro, marcado pelo monopólio da vertente religiosa, com duas fases (uma chamada heroica, com a chegada dos primeiros jesuítas até a promulgação da *Ratio studiorum*; e uma outra fase mais institucional da pedagogia jesuítica, marcada pela *Ratio studiorum*, em 1599, com orientações de caráter institucional e geral da Ordem dos Jesuítas); um segundo período, a partir do decreto de Pombal, em 1759, quando coexistirão a vertente religiosa e a vertente leiga no ensino do latim, também com duas fases (uma que se inicia em 1759, com o decreto pombalino, é marcada por mudanças no quadro do ensino de latim provocadas por participação de outras ordens religiosas e pela instituição das cadeiras régias; e uma fase marcada pelas novas demandas decorrentes da emancipação do país, que vai de 1834, com a consolidação do ensino secundário, até o início ou primeiro quartel do século XX, com o amadurecimento e o crescimento do número de cursos superiores no país. O desenvolvimento dos estudos secundários, a circulação de ideias e de livros e a criação e consolidação de cursos superiores fazem dessa fase um momento de transição para os estudos latinos). A partir dos anos 40 do século XX, poderíamos nos referir a um terceiro período, que se inicia no segundo quartel do século XX e, principalmente, na metade do século, e que representa um momento delicado para a história do latim no Brasil, quando pressões de ordem diversa e uma visão utilitarista do currículo escolar retomam a antiga querela antigos *versus* modernos, resultando nos complicados momentos da disciplina na segunda metade do século XX, com a retirada do ensino do latim de quase a totalidade dos cursos secundários. Um quarto período, a que nos referimos como período heroico redivivo (tomando uma expressão de Luiz Alves de Matos, de 1958) poderia se situar desde a segunda LDB, a de 1996, quando é facultado o ensino de latim nos cursos superiores e seu ensino se mantém em instituições públicas, com pequenos e crescentes grupos de estudiosos promovendo os primeiros sinais de enfrentamento das dificuldades e quando se percebe uma certa reação da comunidade de classicistas, marcada pela criação de Associação Brasileira de Professores de Latim, em 2018.

ENTREVISTADORES - Em sua tese de doutoramento e em pelo menos outros dois artigos recentes, “O latim no Brasil na primeira metade do século XX: entre leis, discursos e disputas, uma disciplina em permanência” e “O latim no Brasil após a segunda metade do século XX e a emergência de novos materiais didáticos”, você afirma que “O século XX foi um século decisivo para o ensino

do latim no Brasil” e também que foi “um século de avanços e de retrocessos”. Nesses trabalhos você faz um balanço dos principais momentos dessa disciplina nesse século a partir de dados históricos e de materiais didáticos de ensino de latim da época. Seria possível fazer uma síntese para nós deste percurso histórico e falar brevemente também sobre esses materiais didáticos produzidos nesse século?

ENTREVISTADO - Conhecer minimamente a história de uma língua como disciplina de estudo escolar e acadêmico pode nos colocar diante de certa dificuldade com as fontes. Nem sempre ficaram guardados os cadernos escolares sobre os quais poderíamos nos debruçar para entender como se deu o registro de parte do processo de aprendizagem de um estudante dos idos anos do século passado, especialmente se os anos são muito recuados no tempo (ao modo das antigas tabuinhas, tudo isso se apaga). Da mesma forma, nem sempre temos acesso fácil ao registro – quando existe – dos materiais produzidos pelos professores para as suas lições; não temos sempre documentados os planos de aula, os diários de classe. Então, muitas vezes, precisamos lançar mão de certas fontes que não foram necessariamente criadas ou coletadas para repertoriarem dados que poderiam vir a se tornar úteis para estudos futuros. É o que se diz muito em Linguística Histórica, de se fazer "o melhor uso de maus dados", conforme propunha William Labov (1982, p. 20). Algo similar pode ocorrer com a história das disciplinas escolares e acadêmicas, como o latim, cujo conhecimento demanda alguma criatividade para a prospecção de fontes. No caso das pesquisas que desenvolvemos durante o doutorado, tivemos que fazer uso de certas fontes que nos permitissem conhecer um pouco da história do ensino do latim no Brasil, mas fontes que não foram colhidas *ad hoc*. E resolvemos cruzar os discursos oficiais, legislativos, com aqueles acadêmicos, presentes nos prefácios e apresentações dos livros didáticos produzidos para professores (e algumas vezes pelos próprios professores). Poderíamos, então, dizer que se trava entre esses dois polos – o legislativo e o acadêmico – uma verdadeira contenda discursiva tendo por base a importância do latim e de sua manutenção no currículo escolar. E esses materiais, as leis e os prefácios dos livros didáticos, nos dão uma ideia significativa do quanto o latim no Brasil no século XX oscilou entre idas e vindas, com um pensamento mais centrado no enfrentamento de polos simplificadores do que na análise de questões de fundo mais complexas. A metade do século XX poderia ser esse momento mais crítico, quando ocorre a retomada de querelas antigas, especialmente aquela que se refere a antigos *versus* modernos, que, a partir da Renascença, “com intervalos de tréguas mais ou menos

longos, se vem renovando, em vários países de cultura ocidental” (FARIA, 1959, p. 9). Se desde o início do século já se mostravam sinais de um pensamento tecnicista, pragmático, utilitarista, com uma visão de formação do sujeito para a atuação nas demandas imediatas da sociedade, os anos letivos decorrentes da chamada Lei de Capanema (Decreto Nº 4.244/1942) assumem claramente essa divisão com a separação do secundário entre o clássico (com três anos de estudo do latim) e o científico (sem o estudo do latim). É um período em que intelectuais de ponta da cultura brasileira debatem a sua visão quanto a diferentes polos que se opunham: elitização x democratização; generalização x especialização; humanismo x tecnicismo; humanismo clássico x neo-humanismo; tradição x renovação; manutenção x transformação; passado x presente; antigo x moderno. Assim, poderíamos destacar, por um lado, por exemplo, Alceu Amoroso Lima, grande influenciador da reforma de Capanema, com seu humanismo de feição mais católica; por outro, por exemplo, Fernando de Azevedo, que defendia um novo humanismo, pautado pela cultura científica. Obviamente, essas discussões se fizeram sentir nos prefácios de materiais didáticos, da mesma forma que a própria Lei de Capanema, com quatro anos de estudo do latim no ginásio e mais três anos de estudo no curso clássico, trouxe à tona um problema que acentuará os calores do debate, contribuindo para o pêndulo pesar para um dos lados: o incremento da oferta de disciplinas de latim trouxe à tona a necessidade de professores formados em Neolatinas, e, em sua ausência, foram admitidos, de modo improvisado, professores de Anglo-Germânicas. O resultado disso é o surgimento de uma oferta cada vez maior de materiais didáticos, para suprir a deficiência da formação do professor, e o registro de críticas frequentes a sua atuação nos próprios prefácios dos materiais didáticos. Então, diante de um discurso cada vez mais acentuado advogando uma visão utilitarista da escola e frente ao ensino de latim cada vez mais realizado com adaptações, um tanto centrado na gramática e na memorização e esquecido da língua e de sua cultura, veremos, a partir da primeira LDB (Lei Nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961), um conjunto de aberturas e de indecisões que só viriam a ser resolvidas a partir do início da década de 70, quando o latim passa a figurar não entre as disciplinas do núcleo comum obrigatório em âmbito nacional, mas sim na parte diversificada do currículo, onde encontrariam espaço as disciplinas de natureza mais optativa, mais facilmente descartadas. A partir de então, a produção de novos materiais didáticos passa a rarefazer, restando aqueles ligados a atender públicos mais específicos, que demandavam algum conhecimento de latim. No final de século XX, então, poderíamos dizer que o latim se encontraria à guisa de balanço,

principalmente quando a segunda LBD (Lei Nº 4.024/1996) deixa a cargo das instituições universitárias o desenho de seus cursos e de seus programas, de forma que o latim vai também perdendo seu espaço no ensino superior, ficando resguardado apenas às instituições públicas e a raros casos de instituições privadas. O início do século XXI coloca o Brasil diante da questão da necessidade de materiais didáticos, mas agora apenas para cursos superiores.

ENTREVISTADO - Vemos hoje um cenário, no mínimo, paradoxal, já que, ao mesmo tempo em que os estudos de língua latina ocupam um espaço cada vez menor nos currículos universitários, em geral restritos aos cursos de Letras e, em muitos ainda, reduzidos à mínima carga horária exigida, observamos também no meio acadêmico um crescente interesse pelas questões relativas à docência em línguas clássicas, o que fez nascer muitos trabalhos como os dos professores Charlene Miotti, Fábio da Silva Fortes, Giovanna Longo, João Batista Toledo Prado, Leni Ribeiro Leite e Patrícia Prata, para citar apenas alguns. A esse respeito, como você descreveria o ensino do latim nos cursos de letras no Brasil hoje? As perspectivas são positivas para quem se propõe a estudar e ensinar latim?

ENTREVISTADO - Eu acredito que, nos parece óbvio, muitas coisas surgem por reação. O final da década de 90 representou para a área de latim, como disse, uma fase de balanço, embora esse balanço já estivesse sendo feito desde muito antes, ou talvez o século XX tenha sido mesmo, olhando de modo mais longitudinal, um amplo período de balanço para o ensino da língua latina, quando as línguas nacionais já se impõem como línguas de estudo e as demandas da sociedade de consumo estimulam uma visão utilitarista da educação. A própria fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), em 1985, poderia ser vista como uma reação dos partidários de uma formação clássica, humanista, frente a uma crescente onda tecnicista assumida nos currículos dos anos 70 e 80. Também a fundação da Associação Brasileira de Professores de Latim (ABPL), em 2018, mas decorrente de reuniões regulares de professores de latim desde 2010, representa esse movimento de reconhecimento dos pares com quem queremos nos aliar para os enfrentamentos necessários. Entre esses dois pontos do tempo, temos um período de interesse significativo pela docência em línguas clássicas nos projetos que se desenvolvem em mestrado e em doutorado, em produções didáticas voltadas para a aprendizagem da língua, em produções que buscam situar o latim hoje, registrando a sua presença em iniciativas diversas na graduação, na pós-graduação e na extensão. E de fato o

trabalho dos colegas da área, como os da Charlene Miotti, do Fábio Fortes, da Giovanna Longo, do João Batista Toledo Prado, da Leni Ribeiro Leite, da Patrícia Prata, da Laura Quednau, para ficarmos com alguns nomes, tem contribuído para que conheçamos um pouco mais das questões de didática da língua. Também vimos, como reação, o aparecimento de novos cursos de Letras Clássicas, juntando-se aos já existentes (UFBA, UFC, UFPR, UFMG, USP, UNESP-Araraquara e UFRJ), como o da UFPB, por exemplo, que passa a oferecer um curso noturno, na esteira das políticas de aberturas de novos cursos possibilitadas pelo REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), cujo principal objetivo era o de ampliar o acesso e a permanência na educação superior. O próprio surgimento de uma associação de professores de latim, ainda que em fase de estruturação após sua fundação em 2018, representou não só um movimento de reação, como disse, mas também um importante movimento de divulgação da língua e de seu ensino em nossas universidades. Com seus encontros ocorrendo desde 2010, muito antes de se estabelecer como a ABPL, e com suas políticas de abertura para a presença não apenas de professores, mas de estudantes interessados pela língua e seu ensino, começamos a ter um contexto em que se sentavam na mesma mesa de conversa um docente mais experiente e um jovem estudante, que passa a saber da existência de cursos de latim e de Letras Clássicas para além das poucas obrigatórias que subsistem em universidades sem tradição com os estudos clássicos. Para os que estavam nos centros com tradição em estudos clássicos talvez os encontros inicialmente tivessem um sentido apenas ligado à busca e ao enfrentamento de pautas comuns, mas para jovens – ou não tão jovens – professores de latim espalhados e isolados em outras instituições menores ou ainda com quadro menos estáveis de professores da área, esses encontros representaram a possibilidade de construção ou de reconhecimento de uma identidade de professor de latim. E os jovens estudantes que levávamos conosco para esses encontros começaram também a ver ali a possibilidade de se ligarem a projetos de estudo, a eventos na área, e talvez passaram a vislumbrar a possibilidade de continuidade de estudos com vistas à carreira docente. De minha parte, me inclinei a participar dos encontros de professores de latim quando se deu minha inserção no serviço público como professor de latim (e foi nesses encontros que conheci muito de perto o trabalho e as pessoas da Charlene, da Patrícia, do Milton, da Leni, do Fábio, da Giovanna, do João, da Vívian, do Carlos Renato e de tantos outros, como os da atual diretoria da ABPL, a Ana Thereza Vieira, a Kátia Teônia, o Douglas Gonçalves, a Thaíse Bastos e a Rívia

Silveira). Eu buscava conhecer a área, fazer contatos com colegas, construir um projeto de doutorado, levar estudantes para participarem dessas discussões. Então só posso imaginar que a situação do ensino de latim nos cursos de letras hoje no Brasil pode, por um lado, ser bem melhor do que era há alguns anos. Por outro lado – não podemos nos esquecer – há uma realidade de instituições enfrentando processos de rediscussão curricular, muitas das quais distantes dos eixos formuladores de questões de nossa área e com apenas um único professor de latim tendo que defender o tempo inteiro a importância do conhecimento da língua latina, também e por diversas razões, para os estudantes de letras germânicas (e ainda não é difícil encontrar casos de professores ressentidos pela retirada de latim mesmo dos cursos gerais de letras ou de letras vernáculas). E muitos desses professores de latim, isolados, com a retomada de uma perspectiva curricular utilitarista sempre insistente, veem seus pares, em maioria, decidirem pela exclusão do latim ou redução de sua carga horária. Então, se vemos fortes movimentos de jovens interessados pelo latim, sedentos por práticas ativas de aprendizagem da língua (e os canais de latim do *YouTube* podem ter hoje muitos sininhos ativados, por pessoas que querem seguir acompanhando cursos *online*), se vemos cursos de extensão em latim cada vez mais frequentes, se vemos ofertas de cursos livres *online*, muitos deles pagos, se vemos muitos jovens buscando se inserir em projetos de pesquisa da área, também vemos um cenário muito incerto quanto ao futuro de nossos cursos em nossas universidades. Nesse sentido, cada vez mais devemos nos unir em nossas associações para que possamos garantir a existência de cursos de latim para a formação de novos jovens latinistas.

ENTREVISTADORES - Voltando o nosso olhar, agora, para as questões metodológicas, observamos que a partir dos anos 2000 as reflexões sobre o ensino das línguas clássicas passaram a ocupar-se também do *modus operandi*, isto é, a cuidar da matéria a ser ensinada e ainda de “como ensiná-la”. Como você observa esse movimento e, o que poderia tê-lo desencadeado? Os avanços no campo das pesquisas científicas no âmbito da Linguística podem ter sido um gatilho? E, falando em estudos linguísticos, uma pergunta pessoal, se nos permite: como foi a sua relação com a profa. Rosa Virgínia? Que experiências acadêmicas e pessoais lhe foram proporcionadas pelo contato com um dos grandes nomes dos estudos linguísticos no país?

ENTREVISTADO - Já se vão algumas décadas desde que a questão do ensino do latim e de sua didática está posta. Não é recente, por exemplo, para a aprendizagem das línguas antigas, a inserção das

metodologias ditas ativas, ao modo das que se utilizam nos cursos de línguas estrangeiras modernas. Certamente, as metodologias centradas na gramática, na memorização, e distantes da língua e de sua cultura, contribuíram para que se criasse uma ideia de latim não agradável de se aprender, e para muitos não muito útil para se aprender. E sem dúvida, como ocorreu com outras áreas depois de certas viradas conceituais que se impuseram por volta da década de 60, a Linguística assume feições mais funcionalistas, e o desenvolvimento da Linguística Textual, por exemplo, e dos estudos do discurso, certamente trazem impacto para a forma como a língua latina passará a ser ensinada. Nesse sentido, o surgimento de materiais como o **Reading Latin** (de Peter Jones e Keith Sidwell), por exemplo, cuja aprendizagem da língua é proposta por meio de textos, vai se dar em 1986 (e o material vai ter um uso significativo no Brasil, mesmo quando ainda não havia sido traduzido ao português). Aqui em nosso país, ainda como reflexo dessa perspectiva textual, teremos outros materiais em desenvolvimento, especialmente a partir dos anos 2000. Atualmente, temos visto o uso de perspectivas mistas, com o uso de certas práticas ativas em nossos cursos com abordagens textuais, como tem discutido, por exemplo, a Leni Ribeiro Leite. Quando fui fazer o meu doutorado, estando numa universidade com tradição filológica e em Linguística histórica, mas sem tradição nos estudos clássicos (ainda que contasse com um curso de Letras Clássicas de longo tempo) e estando em vigência regras proibidoras de afastamento a professores recém-concursados, imediatamente procurei a Rosa Virgínia para tratar de um projeto ligado à história social do latim no Brasil. Rosa tinha sólida formação filológica e era (é) uma das principais linguistas do país, mas meu interesse não era diretamente ligado à Linguística histórica, o grande interesse dela. Contudo Rosa era muito aberta a novos projetos, a permitir que seus orientandos vislumbrassem perspectivas diversas das suas e se mostrava sempre disponível para conhecer de perto algo com o qual não lidava tão diretamente. Naquela época, e ainda hoje segue assim, no ProHpor, o Programa para a História da Língua Portuguesa por ela criado, havia uma vertente de estudos interessada na história linguística do Brasil, na história externa da língua portuguesa, nas relações entre o português e outras línguas aqui utilizadas. Então daí surgiu o meu projeto de tese sobre ensino de latim no Brasil (Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção), inicialmente orientado por ela, que veio a falecer no meio do meu doutorado. Posso dizer com gosto o quanto foi importante para a minha formação o contato com Rosa, não somente como orientadora de doutorado, mas também como minha professora em disciplinas de graduação, de

Pós-graduação, e também por sua presença em minha banca de mestrado (quando fui orientando num projeto sobre variação linguística e ensino por uma das maiores dialetólogas desse país, a também muito querida Suzana Cardoso, que comandou por mais de 20 anos um amplo projeto concretizado no **ALiB – Atlas Linguístico do Brasil**). Quero me permitir essa fala assim tão pessoal, mas me apraz refazer a reflexão que fiz quando de despedida dessas personalidades da linguística brasileira: eu aprendi muitas coisas com Rosa, com Suzana, mas a coisa de que mais gosto foi que com elas aprendi que conhecimento amplo nada tem a ver com arrogância. Suzana, sempre paciente e dedicada. Rosa, com seu olhar mais austero, mas sempre agindo com correção e seriedade, de forma que, com os mesmos movimentos dos olhos, o mesmo semblante, dizia que um capítulo nosso que acabara de ler estava muito bom, e um outro, lido em outro momento, estava carecendo de maiores investimentos. Tudo dito sem meias palavras, mas sempre sem arrogância. Eu aprendi muitas coisas com Rosa e com Suzana. E gosto muito delas.

ENTREVISTADORES - Seja por constituir uma transposição didática que busca levar à autonomia do aprendiz, por conduzir o aluno o mais rapidamente possível à leitura dos “originais” latinos, seja ainda pela apresentação gradual e não sistemática da gramática da língua, por contextualizar a língua latina em seu tempo, espaço e, sobretudo, cultura, ou ainda por estar integralmente disponível para *download* na internet, a proposta metodológica do Programa *Latinitas*: leitura de textos em língua latina, produto da sua premiada tese de doutoramento, é uma grande contribuição para o desenvolvimento dos estudos clássicos entre nós. Você poderia comentar um pouco sobre essas características do Programa?

ENTREVISTADO - Primeiramente, eu gostaria de destacar que o *Latinitas* surge quando passo a integrar o serviço público como professor de latim, na Universidade Federal da Bahia, portanto já inserido num curso de Letras Clássicas, e não mais atuando em universidades privadas, com suas raras horas de estudo da língua latina. Encontrava-me à época em uma instituição com profissionais de latim talvez já cansados da batalha e que se centravam no ensino das disciplinas básicas do curso. Nesse período, já em contato com os professores de grego (Luciene Lages, hoje professora da Universidade Federal de Sergipe, e Leonardo Vieira, ambos também interessados em renovar o curso de clássicas na UFBA), me deparei com a necessidade de algum material de latim ao público brasileiro que tivesse uma abordagem textual e que pudesse ser utilizado nas disciplinas de aquisição da língua além do básico. Tinha notícia do uso, especialmente no eixo

sudeste-sul, do *Reading Latin*, que ainda não se encontrava traduzido (a tradução só viria a sair em 2012, sob a coordenação de Paulo Sérgio de Vasconcellos e de Isabela Tardin, mas com a participação de outros latinistas brasileiros: Alessandro Rolim de Moura, Alexandre Piccolo, Carol Martins da Rocha, Danielle Chagas de Lima, Fábio da Silva Fortes, Lilian Nunes da Costa, Lucas Dezotti, Marcos Aurelio Pereira, Matheus Trevisam, Patrícia Prata e Robson Tadeu Cesila). Sabia que os professores que utilizavam o material faziam traduções de suas seções e que trocavam entre si as traduções que realizavam, de modo que os estudantes de latim, em suas instituições, pudessem aprender a língua não pelo intermédio de uma língua estrangeira. Mas eu ainda não conhecia os colegas da área num nível de proximidade (o que só veio a ocorrer a partir dos encontros da ABPL). O também muito bom **Latine loqui - curso básico de latim**, de Leni Ribeiro Leite (2016), só viria a sair em 2016. Ao lado dessa sentida necessidade de material, os professores da UFBA, de áreas afins, sempre demandavam alguma questão sobre o latim para uso em suas aulas. Então, como eu estava desenhando um projeto de doutorado sobre o latim no Brasil e estava em busca de um material didático em abordagem textual para estudantes brasileiros de nossa universidade, decidi criar um curso de extensão a professores da casa interessados em aprender a língua, e comecei então a produzir o *Latinitas* enquanto o testava no curso dos professores e em algumas turmas da graduação. Faço essa pequena introdução antes de responder efetivamente a questão, porque quero colocar em perspectiva que a criação do *Latinitas* tinha inicialmente o propósito de atender a uma demanda pessoal, talvez local, de termos materiais para nossos cursos em abordagem um pouco menos tradicionais (isto é, que não começassem e se alongassem com pequenas frases e que demorassem a chegar, quando chegam, aos textos ditos originais). As primeiras versões do nosso material foram apresentadas no I Encontro de Estudos Clássicos da Bahia, realizado em junho de 2012, um evento que contou com um grande número de classicistas de todo o Brasil, muitos dos quais também trouxeram suas contribuições nesse momento. Nosso projeto viria a se denominar de Programa, um pouco mais à frente, por conta de não apenas envolver a elaboração do material, mas também o intuito de poder ofertar cursos gratuitos à comunidade na extensão e de criar ambientes virtuais de aprendizagem, permitindo a disponibilização de material *online* gratuitamente e, um pouco mais recentemente, a abertura de espaço para o compartilhamento de recursos didáticos ao professor. Certamente, o elemento básico do Programa é o material didático, que foi pensado para o aluno aprender latim também e até mesmo sem a presença de um professor, ainda que as primeiras

lições sejam bem exigentes e demandem uma atenção cuidadosa, mas a ideia sempre foi a de que aprender é um processo autopoietico (*αὐτο-*, ‘por si mesmo’, e *ποίησις*, ‘criação’). E também queríamos que a/o estudante pudesse chegar, sem muito vagar, aos textos latinos propriamente ditos, da forma como chegaram até nós e aos quais costumamos nos referir – um pouco imprecisamente – pela etiqueta de originais. Não estava em nossa mente criar nenhuma coisa que pudesse se tornar uma contribuição aos estudos clássicos no Brasil; não por falta de desejo, senão por ciência de nossos próprios limites, mas nos agrada a ideia de saber, por meio dos contatos diários estabelecidos através de nosso site, que há muitos alunos que estudam por conta própria o latim, utilizando os recursos do site *Latinitas* Brasil (www.latinitasbrasil.org) e que há muitos professores utilizando todo ou partes do material em suas aulas, ainda que as primeiras lições, dada a sua natureza cíclica, de apresentar conteúdos que retornam e retornam em diferentes níveis de aprofundamento, sejam de exploração didática mais complexa.

ENTREVISTADORES - Desde o início do projeto você tinha em mente que todo o material produzido ficaria acessível gratuitamente por meio digital? Atravessamos um momento singular da história recente, a pandemia do novo coronavírus e a COVID-19 impactaram diversas áreas da vida cotidiana e com a educação não foi diferente! Ainda que a utilização dos meios digitais e da internet estejam bastante difundidos, tem sido desafiadora por uma série de fatores a adaptação das práticas de ensino-aprendizagem ao ensino remoto. Muito antes de tudo isso, entretanto, você elaborou o Portal *Latinitas*: uma introdução ao latim através dos textos, em que apresenta uma “experiência com o latim”, como você mesmo diz. Você poderia falar um pouco sobre o portal, o seu funcionamento e o conteúdo que encontramos lá? Houve alguma alteração recente no portal em função da adoção do ensino remoto pelas universidades?

ENTREVISTADO - Uma vez que observamos que o material que servia a nossos cursos poderia se tornar útil a outros professores em suas salas de aula ou a outros estudantes que resolvessem estudar o latim por conta própria, tomamos a decisão de criar um ambiente virtual que também trouxesse outros materiais de interesse ou que pudesse levar as/os estudantes a outras experiências de estudo da língua, com o compartilhamento de *links*, de vídeos e de outros materiais complementares àquele do material impresso, material que também estava disponível *online* gratuitamente em PDF. Nesse processo pude contar com a colaboração dos docentes que experimentam o material na UFBA, a professora Tereza Pereira e o professor Renato Ambrosio.

E pude contar também com os professores substitutos que participaram desse processo: Sílvia Bernal, Raul Oliveira e Shirlei Patrícia Almeida. O portal tem uma página de abertura que direciona o usuário a dois domínios: o domínio www.latinitasbrasil.org, onde se encontram os materiais destinados à/ao estudante de latim; e o outro domínio que funciona como meu espaço acadêmico-literário, e onde disponibilizo o que venho produzindo na área acadêmica (artigos, capítulos de livros, etc.) e na área literária (livros de contos e poesia, traduções latinas, textos diversos). Quanto ao site *Latinitas* Brasil propriamente dito, lá se encontram vídeos decorrentes de atividades da extensão em latim, muitos dos quais gravados durante a pandemia, além de *links* para download do material completo do *Latinitas*, incluindo arquivos com a resolução dos exercícios e com propostas de tradução mediadora dos textos do volume (lembramos que o site também atende a muitos estudantes autodidatas). Além disso, o site disponibiliza uma aba com áudios para treino de pronúncia, incluindo alguns arquivos (por enquanto, poucos) com leitura ritmada da poesia latina, e também apresenta *links* para experiências diversas com o latim falado, proporcionadas por canais do *YouTube* que a essas atividades se dedicam. Ainda temos uma aba destinada a pequenos textos para leitura e uma outra com algumas notas sobre usos do latim no Brasil ao longo do tempo. Por fim, uma aba “Extra” oferece um espaço destinado a docentes, onde se encontram arquivos em *PowerPoint* com apresentações do material didático a serem utilizadas em aula, além de pequenas orientações didáticas ao professor que começa a ter seus primeiros contatos com o *Latinitas*. Bem, exatamente em função da pandemia e de alguns professores terem nos contactado para fazer uso do site e de seus materiais para a oferta de cursos à distância, nós decidimos promover diversas alterações, de forma a atender essa demanda que surgiu nesse tempo em que vivemos de aulas *online*. Além de termos feito uma reorganização do material que estava disponível, a partir das revisões que foram feitas para a segunda edição revista do *Latinitas*, em volume único (o roxo), também decidimos criar a aba destinada exclusivamente a docentes, conforme falei. Toda a revisão do site foi feita durante os dois primeiros meses da pandemia e temos trabalhado para continuar oferecendo outros materiais para quem necessitar estudar o latim. São as vantagens do mundo moderno, em que as/os estudantes podem contar com muitos materiais *online* para seguir seus estudos, seja o *Latinitas*, que é, como disse, uma experiência possível com o estudo do latim, entre tantas ótimas opções hoje disponíveis, sejam outros ambientes que possam oferecer materiais *online*, especialmente

quando podem fazê-lo gratuitamente, permitindo que o latim não seja uma língua de poucos, como já foi, mas de quem desejar aprender.

ENTREVISTADORES - Para encerrarmos essa entrevista e reiterando o nosso agradecimento pelo gentil aceite do nosso convite, como você enxerga o atual momento das universidades brasileiras e o que você projeta de perspectivas, agora, não apenas para o ensino do latim, mas, de maneira mais ampla, das Humanidades?

ENTREVISTADO - Vai ser mais fácil a mim começar tratando de algumas perspectivas sobre o ensino de latim. Eu acredito que estamos vivendo um momento de negociação de propostas, de investimento num ensino menos gramatical, centrado em memorizações, de busca de uso de recursos tecnológicos para tornar a sala de aula mais ampla, mais diversificada, mais viva. Além disso vislumbro muitas novas experiências com práticas ativas em nossos cursos, por mais que alguns de nós muitas vezes torçamos o nariz para elas, já que muitos de nós e muitos dos nossos grandes latinistas não se formaram mediante tais práticas. Mas nossa experiência tem visto cada vez mais surgirem jovens interessados em aprender a língua, e com interesse também na docência da língua. Cada vez mais, vemos canais em Internet voltados ao ensino de latim e oferecendo materiais extremamente estimuladores aos que costumam aprender mais facilmente por meio de recursos tecnológicos. Cada vez mais, em nossas universidades, temos visto cursos de extensão de latim voltados à comunidade e muitas vezes gratuitos; muitos deles, inclusive, ministrados por um estudante bolsista de Letras Clássicas sob a tutela de um docente da universidade, como ocorre na UFBA. Certamente, um jovem aprendiz de latim interessado em se tornar professor encontrará muitos canais de experiência e, com sorte, de experiência profissional. Quanto à carreira docente na Universidade, será preciso que acreditemos na força da Universidade para se manter estável em sua oferta de cursos, para garantir o apoio da sociedade diante das ameaças frequentes de intervenções de toda ordem. E então isso me leva à parte mais delicada da pergunta, sobre o atual momento de nossa universidade e das perspectivas para as Humanidades. Bem, eu admiro os esperançosos. Para muitos, a esperança pode ser um sinal de fraqueza, quando se tenta o apego a algo da natureza do indefinido, do vazio. Mas ter esperança é um ato de coragem. Eu confesso que o nosso tempo me assusta, portanto talvez eu possa estar entre os ditos não corajosos, e assumo que a esperança por vezes não me visita, seja pelo que vejo de forças exógenas, acionadas por altos escalões governamentais e por agências

que costumam menosprezar o que se produz na área das Humanidades, seja pelo que provém de forças endógenas, quando, na própria Universidade, nos distanciamos do valor ao trabalho do outro e da possibilidade de estar e de trabalhar harmoniosamente entre os pares. Confesso que nos vejo num período lacunoso, mas numa lacuna tão indefinida que não sabemos sua extensão e isso nos apavora. Ainda nos sentimos isolados, por vezes não conseguimos perceber a força do trabalho coletivo e – ocorre – muitas vezes contribuímos com a mão destruidora quando nós mesmos não nos valorizamos e diminuimos o outro de nós, com posturas de desmerecimento e não de valorização do que se produz. As Humanidades de fato fizeram muitos avanços nos últimos 50 ou 60 anos, quando se propuseram formas menos estáveis e simplificadoras de compreensão do mundo e da humanidade. De fato, vivemos um período de virada incrível, cultural, científica e filosoficamente. E agora temos nos visto numa espécie de período da curva, impulsionada por alguma força de retorno, tentando estreitar as margens do pensamento humanista, sensível, tentando redefinir estreitamente a noção de cultura, fazendo-a querer significar novamente aquilo que pertence a poucos ou é produto de poucos. E diante dessas forças na maior parte das vezes exógenas, a querer diminuir nosso campo de alcance social, ainda nos vemos nos muros da Universidade muito centrados em nossas ideias individuais, ainda nos referimos ao trabalho do outro como menor, ainda nos seduzimos pelo gosto de ter este ou aquele indicador cada vez mais alto, ainda que nem sempre desconfiemos das métricas que impõem às Humanidades lógicas que podem lhe ser estranhas. Ainda nos vemos presos à necessidade de produzir mais e mais, de oferecer mais e mais vagas para novos orientandos, mesmo que nem sempre possamos dedicar a eles o tempo de que necessitaríamos. Quantos de nós não conseguem mais sequer ler um livro (a não ser nas férias), mesmo que seja de sua área de atuação, presos que estamos numa série sem fim de demandas de prestação de contas a agências de fomento que, muitas vezes, ignoram as Humanidades? Quantos de nós somos lembrados, em nossos Programas de Pós-Graduação, sobre a necessidade de submeter – mais uma vez – um projeto para bolsa de produtividade do CNPq, mesmo sabendo que, pela enésima vez, receberemos o parecer de mérito, mas sem o recurso garantido? Quantos de nós já não tivemos que efetuar pagamentos de despesas não honradas pelas agências a cujos editais submetemos proposta que haviam sido contempladas com recursos? Quantos de nós tivemos recursos financeiros garantidos em editais de projetos e vimos o prazo de execução chegar ao fim sem que tenhamos recebido os prometidos valores? Haveria ainda muitos outros pontos que

poderiam ser levantados para que percebêssemos que é preciso que digamos o nosso bem sonoro “basta”, mas a Universidade muitas vezes ainda não está contando com todos que para ela foram aprovados. Infelizmente. E além do mais, é preciso manter algum nível de esperança, enquanto cuidamos da garganta e da estratégia para um grito coletivo.